



TUMULO DE MANIKYALA.

No paiz dos afghanistans, povos que limitam pelo norte com a India ingleza e de que se deu noticia larga nos primeiros volumes do Panorama, existem monumentos funerarios, designados pelos indigenas com o nome de *topes* que corresponde ao latim *tumulus*, o que se comprova pela sua forma tão commum entre os povos da antiguidade, como iguaes monumentos da Etruria e outros anteriores á fundação de Roma. Ignora-se a que principes asiaticos pertenceriam esses jazigos, que não deixam de ser sumptuosos a seu modo; não se sabe se procediam da raça indo-grega, ou indo-seytha; a sua historia é totalmente desconhecida, a despeito das conjecturas ou advinhações dos sabios de profissão. Se alguma indução pode tirar-se do aspecto e disposições d'esses edificios que ainda subsistem, pertenceriam á dynastia grega dos reis da Bactriana. O lugar onde se acham commumente é n'uma corôa de outeiro superior a rio caudaloso. Do mais notavel damos a estampa; é o de Manikyala no Penjab, descoberto pelo general Ventura.

FORMA DAS MENAGENS ORDENADA POR EL-REI D. JOÃO II.

As prodigalidades de el-rei D. Affonso V. allienaram quasi todos os bens da corôa em favor dos fidalgos. Generoso com excesso, este soberano não sabia recusar as graças, que seus cortesãos, conhecendo-lhe o fraco, continuamente lhe pediam.

D'est'arte cresceram em poder e riquezas muitas familias nobres durante este reinado; e algumas tão alto subiram levadas do regio favor, que, nos ultimos annos d'aquelle principe, mais pareciam casas

soberanas, do que simples vassallos. E não sómente o pareciam no fausto do seu tratamento, e na ostentação da sua grandeza, mas tambem na influencia quasi despotica que exerciam nos negocios publicos, conseguindo não poucas vezes, que os seus caprichos fizessem dobrar a vontade do rei, e que as suas paixões campeassem sobre a justiça vencida, e sobre a opinião publica despresada, como succedeu na perseguição feita ao infeliz infante D. Pedro.

D. Affonso V morreu pois, legando a seu filho uma corôa em que os espinhos sobresaíam ás joias, por quanto era bem complicada na situação politica em que lhe deixava o paiz, certamente uma das mais difficéis em que esta monarchia se tem achado, situação que se poderá retratar n'estas poucas palavras: « de um lado pobre o estado, enfraquecido o poder real, e desvirtuado o principio governativo; do outro a nobreza opolenta á custa do mesmo estado, poderosa e auctorizada, a expensas d'aquelle poder, e d'este principio. »

Acabou seus dias em paz Affonso V, por que não podia haver guerra, onde falta a resistencia. Quando a aristocracia avauçava o monarcha estava prompto para lhe ceder todo o terreno. Porém entre as sombras do futuro avultava com proporções gigantesca uma lueta encarniçada e tenaz, e o derradeiro suspiro do rei Affonso devia ser o signal para o rompimento da contenda.

D. João II subiu ao throno para dar começo a uma nova época. Tendo visto sempre de máu grado essas innumeraveis doações, que fizeram passar da corôa para o dominio de particulares a maior parte dos castellos cidades e villas, deixando o soberano quasi hospede no meio do seu reino, e quasi subdito entre os seus vassallos; e além d'isso dotado de

um caracter energico e resolutivo, e de uma vontade firme e perseverante, o moço rei decidiu-se desde logo a restituir ao estado o perdido equilibrio, reabilitando a realza, pondo um freio ás ambições da nobreza, e levantando e apoiando-se no elemento popular.

Os serviços, que este monarcha fez ao paiz em tão ardua empreza, bastam-lhe sem duvida para base da sua gloria, e para fundamento do epitheto de *principe perfeito*, com que a posteridade o honrou. Mas não entra agora em o nosso proposito descrever aqui o modo porque desempenhou essa missão verdadeiramente civilisadora. O nosso fim restringe-se só a fazer mais conhecido do que é o curioso documento que abaixo transcrevemos, o qual foi o primeiro passo para a realisação d'aquella patriótica empreza, o grito d'alarma nos arrayaes da aristocracia, um raio de esperanza para os populares, e finalmente o primeiro acto de um longo drama. Esse documento é a formula das menagens, que el-rei D. João II determinou, que lhe fossem prestadas na sua exaltação ao throno e d'ahi em diante pelos senhores de castellos, ordenando ao mesmo tempo que de cada uma se fizesse um solemne instrumento assignado pelos alcaides e testemunhas em um livro para esse fim destinado, o qual se conservaria sempre na real camara. Toda esta pratica foi inteiramente nova, pois que até alli as formulas das menagens não eram tam explicitas e rigorosas, nem d'ellas se lavrava escriptura, ou se alguma se fazia, difficilmente se encontrava depois memoria d'ella. A nova formula era assim concebida:

«Muito alto, muito excellente, e muito poderoso meu verdadeiro e natural rei e senhor, eu Fuão vos faço preito e menagem pelo vosso castello e fortaleza tal de que me ora novamente encarregaes, e daes cargo que a tenha, e guarde por vós, e vos acolherei no alto e no baixo d'ella, de nocte e de dia, e a quaesquer horas e tempo que seja, irado e pagado com poucos e com muitos, vindo em vosso livre poder: e d'elle farei guerra, e mantereí tregoa e paz, segundo me por vos senhor for mandado, e o nom entregarei a alguma pessoa de qualquer estado, grão, dinidade, ou preeminencia que seja, se tom a vós meu senhor, ou a vosso certo recado, logo sem delonga, arte, nem cautella, a todo o tempo que qualquer pessoa me der vossa carta assignada per vós, e asselada com vosso selo, ou sinete de vossas armas, por que me quitaes d'este dicto preito e menagem. E se acontecer que eu no dicto castello aja de deixar alguma pessoa por alcaide e guarda d'elle, eu lhe tomarei este dicto preito e menagem na forma e maneira, e com as clausulas, condições, e obrigações n'elle conteudas; e eu por isso nom ficarei desobrigado d'este dicto preito e menagem, e das obrigações e cousas que se n'elle contem. Mas antes me obrigo, que o dicto alcaide, ou pessoa que assy leixar, tenha e mantenha, cumpra e guarde todas estas cousas, e cada hua d'ellas inteiramente. E eu sobredicto Fuão faço preito e menagem em mãos de vossa alteza, que de mym a recebe hua, duas, e tres vezes, segundo uso e costume d'estes vossos regnos, e vos prometo e me obrigo, que tenha e mantenha, guarde e cumpra inteiramente este dicto preito e menagem, e todas as clausulas, condições, e obrigações, e todas as cousas, e cada hua d'ellas, em ella conteudas, sem arte, cautella, fraude, engano, nem minguamento algú. E por firmeza dello assynei aqui.»

O assento d'esta menagem no livro começava por

estas palavras: «Aos tantos dias de tal mez e de tal anno na villa ou cidade tal, nas casas taes, onde elrei nosso senhor pouza, Foão lhe fez preito e menagem polo castello e fortaleza tal, na forma que segue:»

No fim assignavam as testemunhas e depois o escrivão da puridade.

Eis ahi pois a notavel ordenança por onde se estreou D. João II no governo do seu reino. Foi o preludio das sabias reformas, que introduziu no paiz, e dos intoleraveis abusos, que extirpou: assim tambem foi o primeiro elo da cadeia, que arrastou ao cadafalso o duque de Bragança D. Fernando II, e deu a morte ao duque de Viseu, irmão mais velho do duque de Beja, depois rei D. Manuel.

A opposição e protestos da nobreza serviram só para fazer bem manifesta a toda a nação a energia e firmeza com que o novo monarcha estava resolido a sustentar as regalias da corôa, e a pugnar pelos direitos dos populares. Se ás rasões da politica vem dar maior força algum desejo de vingança pessoal, só Deos o sabe. Entretanto quem considerar nos privilegios e mais vantagens, que a nobreza havia adquirido ultimamente, e apreciar bem a reforma que D. João II encetou por aquella nova formula de preito e menagem, que cortou ou feriu quasi todos esses interesses; quem ao mesmo tempo lancar uma vista retrospectiva para todo o antecedente reinado, durante as dissensões do qual o duque de Bragança D. Afonso, e seu filho prinogenito, o ambicioso e rancoroso marquez de Valença, tantas vezes appellaram para a intervenção dos castelhanos em auxilio de suas intrigas, quem pezar devidamente todas estas considerações acreditará mais, sem duvida, na justiça do rei do que na innocencia d'aquelles dois principes, victimas da ambição e do espirito de resistencia bebidos na infancia, ou innoculados na sua juventude pela irresistivel influencia do exemplo. Em todo o caso D. João II, cortando as duas mais altas cabeças que havia no reino, poupou muitas vidas ao seu povo, e salvou o paiz dos horrores de uma guerra civil, que seria forçosamente o resultado do embate de tantos e tão grandes interesses na presença de um soberano, que mostrasse fraqueza e temor.

I. DE VILHENA BARBOSA.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA

III

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.

NA ARCADIA — ELPINO NONACRIENSE.

1731 — 1779.

V

A obscuridade de Pindaro foi tomada como proveitoso exemplo pelos imitadores classicos.

Como a muitos seculos de distancia não era facil perceberem-se as allusões mais reconditas do vate, assentaram que as maiores bellas da ode, pautada pelos hymnos d'elle, deviam ser os conceitos difficultosos, e as locuções estudadas, e de proposito inintelligiveis!

É escusado acrescentar, que os mestres ensinaram e que os discipulos serviilmente executaram, que a copia, quanto possivel, havia de reproduzir os moldes gregos, como os Horacianos se arrastavam sem deslizar atraz dos modellos do grande lyrico romano.

As imagens, as sentenças, as pinturas historicas, e até os costumes iam-se buscar aos livros dos antigos, e o velho manto da mythologia poetica, continuou a cubrir, ou antes continuou a accusar de falsidade flagrante essas palidas, e muitas vezes inanimadas imitações.

Entendeu-se que o rapto desordenado, e quasi delirante em que o cantor Thebano a miudo se arrebatava marchetando de grandiosas metaphoras a maravilhosa tela, aonde o seu genio impetuoso representa como oriundos dos fabulosos deuses os seus heroes mais queridos, era uma condição essencial ao apuro e lustre da tentativa; e impoz-se como preceito, e como calculo, o que no poeta fora simplesmente qualidade espontanea, e nunca plano antecipado.

Basta meditar attentamente o que a critica dos auctores mais proximos, e por isso mesmo mais sabedores das tradições e da indole do Thebano nos deixou escripto, para se conhecer o equivooco, e se emendar a opinião erronea, tão encarecida e tão fatal, porque tem sido causa de grandes desvarios, embora a um ou a outro ingenho privilegiado inspirasse rasgos admiraveis, e dignos do esmero e ardor da lyra grega.

Chiabrera entre os italianos, polindo os ensaios que o douto Alamanni principiara introduzio a divisão das antigas odes, e a caracterizou pelos equivalentes de *ballata*, *contraballata*, e *stanza*: Chiabrera, logo depois dos primeiros passos revelou o vigor do estro, realçando nos seus versos a viveza da phrase e a opulencia e sublimidade das imagens.

Os que seguiram a mesma vereda, e pizaram o trilho, que elle deixara, com mais, ou menos liberdade, não sobresahiram com igual esplendor.

Pouco a pouco os architectos de poéticas foram-se apoderando do assumpto, e dissecando os primores de Pindaro, a poder de subtilidades e de conjecturas temerarias, não socegaram, em quanto não compozeram um capitulo severo, para juntarem ás ordenações do Parnaso, reduzindo a receitas puramente mechanicas o que ha de mais impetuoso e isempto — a phantasia e a inspiração!

Em Portugal, ou o receio do desastre eminente os suspendesse, ou o maior conhecimento e inclinação pelas letras romanas atrahisse os vates, até Diniz não se encontra poema lyrico; em que se note a rigorosa divisão, ou o systema imitativo da ode pindarica.

As estrophes, antistrophes, e Epodos, de que já se serviam os Vates de Italia, só tomaram posse do genero nos dias, em que barecco a Arcadia, e n'essa mesma, tirando um ensaio do Garcão, e outro do Quita, a musa de Elpino foi a que se atreveo com exito a consagra-los, dando-lhes o relevo e a accitação, de que o estro sabe revestir as novidades, quando as inventa, ou as naturalisa.

Alludindo a esta vocação, que o singularisa, é que Deniz esclama logo no começo da ode XIV:

Sigamos, lira, a prospera carreira,
Que do Tejo famoso
A traçar sobre o campo glorioso
Tu ousaste primeira.

Levado do mesmo orgulho desculpavel, é que elle no epodo quarto da ode V, não duvida dizer de si:

Araudo os verdes campos do Oceano,
Largo imperio dos ventos,
De prosperas riquezas

Surgem prenes no Tejo as quilhas lusas:
E das celestes musas
O coro soberano,
Novos formando divinaes accents,
Canta heroicas empresas:
Abre dos Dirceos hymnos
O alcacer aos varões da fama dinos.

É na vigessima septima nota da mesma peça. Elpino não hesita em confirmar a assersão, bem certo de não ser desmentido, quando escreve: «que a ode pindarica, a Saphica, alcaica, anacreontica, dithyrambica, e outras especies de poesia, foram introduzidas na lingua portugueza pela sociedade dos Arcades Lusitanos».

Não podendo deixar de aplaudir o esforço, e não devendo negar a palma ao cantor, que primeiro, e quasi unico, mesmo depois de aberta a carreira, não receio travar o certame com os vates mais favorecidos da inspiração; porque não apontaremos, juntamente, os escolhos, que a tentativa não salvou, e os motivos porque não foi coroadada de exito completo?

A nosso ver o precipicio era a propria imitação d'um genero, que já o dissemos, e tornamos a repetir-o, não offerencia senão illusões e perigos aos seus cultores, porque tira todas as suas magnificencias do genio d'um homem, dos costumes religiosos de uma sociedade extincta, e das lendas e crengas poeticas d'uma theogonia, toda imagens e simbolos, nascida no berço ainda cerrado de trevas das raças heroicas, e mais do que nenhuma dotada de seducções proprias para enlevar os sentidos.

Quando Horacio, mais visinho dos modelos, e tendo diante dos olhos a variada collecção de primores, de que apenas sobreviveram os hymnos, nos declara que é impossivel competir com a musa de Pindaro, a despeito da opulencia e das elegancias do metro latino, parece que os modernos debalde luctaram, ou desejaram luctar para invalidar a sentença.

A experiencia deu o desengano aos menos infelizes; e se grandes formosuras disfarçam, ou resgatam em partes as desigualdades e a frouxidão do todo, applicando-se a analyse e a comparação ás obras mais elogiadas das differentes literaturas, se acha sempre a queda rapida a par do vôo, e a sombra logo depois do traço luminoso!

E a razão é obvia.

A mais linda estatua ficará immovel se o sopro divino a não bafejar, e não lhe infundir acção. Para as creações da arte viverem é necessario, que es roube ao ceu a chamma, que as ha de animar, e que o poeta, como Prometheu, entre em combate com as potencias superiores.

Tirai aos paineis de Raphael a expressão ineffavel, apagai dos marmores de Miguel Angelo o rasgo de cinzel do Titão, e vereis o que fica!

O stylo é o homem; e o spirito que torna immortaes e sublimes as invenções, escapa sempre aos imitadores, que se arrastam atraz das exterioridades, e só aderam a pureza da forma, perdendo de vista a ideia geradora.

O estudo desapassionado da Lyrica do Vate de Thebas assas o prova.

Aonde a admiração de uns não via senão delirios poeticos, e impetuosos arrebatamentos, o exame critico dos entendidos descubrio plano e systema.

Houve até um Allemão que na excentricidade do seu fanatismo, não hesitou em representar por formulas geometricas os diversos membros das odes dissecadas.

Não só Pindaro delineava os esboços dos seus canticos, e distribuía de antemão os episodios e os effeitos, mas segundo elle mesmo assevera, accitava dos heroes do hymno as noticias e os dados genealogicos, que depois recamava de brilhantes allusões.

Na quarta ode, das *Nemeanas*, vemos-o suspender-se de repente, e exclamar. «Mais por diante iria ainda, se o plano que sigo me não estreitasse, e se as horas apressadas me não interrompessem!»

Na quinta das *Isthmicas* observa-se o mesmo, na invocação dos Eacidas.

Em quasi todos os hymnos pindaricos facilmente se distinguem quatro membros distinctos, que os artificios da locução, e os atrevimentos das imagens ligão entre si.

O elogio do vencedor, os louvores dos seus, as glorias da patria, e a exaltação dos Deuses protectores, entram sempre no desenho como partes integrantes; e o pensamento do auctor por mais longe e mais alto que suba; por mais luz e galla, que dê á forma, variando os thesouros mythologicos, e as methaphoras, nunca se desvia até nos maiores raptos da direcção que riscou, e de que não tira os olhos, mesmo quando parece desvairar-se atraz dos episodios, ou das narrações tradicionaes.

A obscuridade, a que os imitadores quasi que voltaram as honras de preceito capital do genero, é uma tendencia do seu engenho, e até certo ponto uma necessidade do salinho affectado, em que procura esconder o artificio da composição.

Referindo-se a esta circumstancia, Pindaro disse em uma das *Olympicas* (a II) «Ao meu lado, e no fundo da aljava, muitas settas rapidas fallam aos que as entendem, mas são mudas para o vulgo ignorante!»

O vate (é claro) louva-se do ven esplendido, em que envolve os conceitos, e das novidades de metro, e de estylo, que introduziu na lyrica.

E na verdade só a reflexão paciente, e a sagacidade instruida, meditando-o, podem medir todo o alcance, e decifrar o sentido occulto das allusões, das allegorias, e das metaphoras, cuja opulencia deslumbra e cega as intelligencias menes robustas.

Os que estão affectos a descer da superficie ao amago dos assumptos, não tomando a fórma pela idéa, os mestres da critica na escola allemã, foram os primeiros que descortinaram o segredo d'esta elaboração especial, em que a arte emprega todos os brios e recursos d'um engenho fogoso e profundo.

Vencendo as obstaculos, de proposito accumulados pelo cantor, e rompendo a rede de obscuridades mytologicas, historicas e grammaticas, patentearam enfim aos cultores zelosos da antiguidade o genio vigoroso, o pensamento arrojado, e a incomparavel eloquencia da sua phrase.

As traducções por mais delicadas e fieis, não de sempre ficar longe do original!

O pincel mais fino só obterá fixar na téla uma fugitiva sombra d'aquella inspiração, cujas azas de ouro matisadas sobem em um só rasgo ás maiores alturas.

As vezes uma palavra é sufficiente para Pindaro esculpir em relevo um quadro inteiro, um poema até, mas o enlevo, a graça, e o brilho d'esse vocabulo, transportados perdem logo na copia a luz e a cor, desbotando-se nos cansados rodeios da periphrase!

De mais, mesmo pondo de parte todas estas difficuldades, a imitação por força tinha de secumbir!

O que honravam mais os gregos na lyra thebana, que os extasiava?

Em que seculo fazia ella ouvir os seus hymnos triumphaes?

A liberdade acabava de prevalecer, e as jornadas de Plateia, de Marathona, e de Salamina, desenganavam os barbaros da Asia, de que a terra illustrada por Homero tinha animo e valor para não render as armas. Affogando em sangue e ruinas a ambição e o orgulho dos Persas repellidos e derrotados, a Hellada mostrou-se digna da victoria pela constancia da resistencia, e pela cultura do espirito.

Pindaro pertencia ao grande cyclo, que douram os nomes de Eschilo, de Herodoto, e de Xenophonte; amava, de certo, como os cidadãos illuminados as instituições que retemperando o coração ao povo, ensinavam os poucos a não mudar de rosto perante as ameaças d'um poder immenso; mas as suas inclinações eram as da raça dorica, de que nascera, e a sua predilecção olhava com mais favor para a unidade monarchica, e para o regimen aristocratico, do que para os comicios inquietos, e para as rivalidades desgrenhadas das pequenas republicas, aonde predominava a democracia pura.

Accusão-o alguns de pender para a usurpação dos Persas; mas a censura é falsa.

Se os tyrannos da Sicilia, Theron de Agrigento, e Hieron de Syracuse lhe abriram os braços; se os reis de Macedonia e de Cyrene o acolheram como amigo, as cidades livres não lhe concederam menores premios.

Athenas distingue-o decretando-lhe os privilegios de hospede publico do estado; e Ceos roga-lhe que lhe escreva o cantico relligioso d'uma procissão solemne.

Pindaro percorre a Grecia inteira, e em toda ella. Dorios, Eolios, ou Jonios, todos o saudam como o valido das musas, e a todos celebra na divina harmonia das suas estrophes!

Na guerra Médica os Thebanos voltaram-se para os inimigos, e contra os habitantes das cidades, que descendiam do mesmo sangue.

O Vate não esquece, nem desculpa a traição, e exaltando em muitas estrophes a fama dos heroes da lucta, cobre de elogios os filhos de Egina, fieis á causa da independencia.

É assim que procura levantar do oprobrio a cabeça humilhada da Beocia.

A indole da poesia, a que deu o seu nome, repugna á imitação.

Quando Pindaro canta a gloria dos vencedores nos jogos olympicos, e tece em cantos admiraveis os louvores dos ascendentes do triumphador, os da terra, que lhe serviu de berço, e os dos deuses immortaes, cuja invocação prezide aos festejos, os metros épicos e heroicos, em turbilhões acesos desatam-se-lhe da voz, e as magnificencias da dicção arrebatam-lhe a palavra.

Esses canticos pois, foram o que a literatura grega possuia de mais intimo com as suas crenças, de mais entranhado na sua nacionalidade.

A idéa, que os anima, é o espirito relligioso e theocratico; e o fogo, que em torrentes de luz os incendia, é o enthusiasmo, o amor da patria e das suas glorias, é o sentimento hellenico na sua expressão mais alta, mais ampla, e mais sublime.

A forma, que reveste a inspiração, e que nos atrah e espanta, não passa de ser apenas o involucro; e para competir, ou mesmo de longe acompanhar o cantor Beocio, não basta seguir pelo traslado as suas obras.

O fulgor do genio não suppre a vida, que existe

nas crenças e no coração de cada pessoa. A dos Gregos expirou, e não se ressuscita.

Como querem, que a estatua torne a animar-se, e que em trajos modernos rivalise com a inspirada Musa, que já foi?

Seria tentar o impossível e approvar o absurdo; e por isso Horacio, tão recto e desapassionado nos seus juizos, e pelos poderes do seu engenho tão digno de lutar com os maiores mestres, separa e condemna a imitação de Pindaro. Bem sabia elle que em todas as literaturas ha livros e auctores, que se não reproduzem, nem copiam.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

VIAGEM AO MINHO.

CAPITULO IX.

Justificação do auctor pela interrupção que houve na publicação d'esta viagem.—Prova-se que foi por descargo da consciencia que a interrompeu, e que o leitor deve ficar ainda reconhecido pelos exemplos do auctor.—Compromette-se solemnemente a leva-la ao fim, com o favor de Deus. Segue a narração das prodigiosas e interessantes aventuras que lhe succederam

Amigo leitor, serás cruelmente injusto de te não lembrares que me deixaste, ha perto de dois annos, a bordo do vapor *Duriense* navegando do Porto para S. João da Foz. Deves estar scandalizado comigo por que te roubei bruscamente o prazer de continuares a ler as minhas aventuras; mas quando souberes a causa, confio na tua consciencia para que me perdões. Se já te não lembras de mim recorre ao *Panorama* de 1853 a 54, e ahi me encontrarás viajando os meus pecados por esta nossa malaventurada terra de Portugal. A demora e interrupção que tem havido na interessante publicação d'estas viagens não foi por culpa minha. Ouve-me e depois sentença-me.

Estava-mos no mez de Junho de 1854; eu escrevia e tu lias com avidéz a minha viagem de 1852. Tinha-se concluido, e mandado para a imprensa, o capitulo oitavo; o meu dever era continuar com o nono. Foi isso mesmo que eu quiz fazer; pego na penna e ponho-me á banca, diante de um caderno de papel; procuro os meus apontamentos, e não os encontro. Começou-me o coração a bater! Remecho em todos os papeis, livros, gavetas... inutilmente. Pergunto se alguém os viu, e deixo a todos atterrados com a noticia de tamanha perda! Passei oito dias em buscas e indagações minuciosas mas perdi o meu tempo. Desesperado, louco, punha as mãos na cabeça e perguntava a mim mesmo o que diria a posteridade, se eu não acabasse a descripção da minha viagem. Que diria o meu paiz, ficando incompleto este monumento das suas glorias litterarias? E que dirias tu, leitor benevolo, se eu faltasse com tão precioso subsidio á tua illustração? Era atroz, era indigno! Continuando a escrever sem documentos podia faltar-me a memoria, e o meu credito de historiador compromettia-se! Tomei uma resolução desesperada; resolvi-me aprehender de novo a mesma perigosa viagem, que já tinha feito, indo pelos mesmos sitios, vendo e observando as mesmas coisas que da primeira vez, e escrevendo sobre os proprios logares para abrilhantar ainda mais a minha obra.

Decidido, pois, a praticar esta acção generosa, traitei de a pôr em pratica antes que me esfriasse o animo. Lembrou-me declarar no *Panorama* esta resolução, para que tu, meu paciente leitor, te não offendesdes com a falta da publicação; mas considerando quanto semelhante revelação prejudicava a minha modestia, calei-me. Havia ainda outra razão; e era que a interrupção redundaria toda em teu beneficio, por que eu voltaria mais instruido da minha nova peregrinação, e poderia enriquecer o meu opusculo com muitos e variados acontecimentos novos.

Revestindo-me de uma paciencia evangelica, dispunha-me a partir no primeiro vapor que sahisse para o Porto, porém um desastre que te não confio, por que te não interessa, retardou a minha partida, e só em Maio de 1855 pude realisa-la. Fui pelos mesmos sitios, procurei e tive o prazer de achar as mesmas sensações; esperei que chegasse a estação dos banhos para fazer eguaes observações ás da primeira viagem. Vi, e estudei tudo cuidadosamente. Procurei os mesmos pontos de vista, as mesmas estradas, as mesmas pessoas, e só não pude encontrar o mesmos cavallos em que montei da outra vez porque tinham morrido. Pobres animaes! mereciam bem que eu desse uma lagrima á sua memoria, mas não tenho tempo!

Rico de documentos curiosos, de paginas immensas (não te assustes, leitor!) e de notas importantissimas, volto enfim aos meus penates e começo a coordenar e continuar os preciosos capitulos d'este livro immortal. Bem vês, pois, meu querido leitor, que em vez de te enfadares comigo, deves votar-me um eterno reconhecimento; e para tua satisfação, e minha gloria, te protesto solemnemente, que, com o favor de Deus, espero d'esta vez levar ao cabo a minha narração. Agora só te peço que tomando na devida conta as minhas desculpas, e recordando-te de que vou no *Duriense* para a Foz, exultes lendo as paginas sublimes que vão seguir-se.

O vapor continuava a descer tranquillamente; quando chegámos defronte dos estaleiros do Ouro, a briza do norte descia das montanhas e passando por entre as folhas dos alamos que povoam a margem do rio vinha encrespar levemente a superficie das agoas. Davam onze horas na Foz; o nevoeiro era tão denso que difficilmente se distinguiam os objectos. Sentei-me na borda do barco junto á enxarcia d'estibordo e cahi n'esse estado de *reverie* que se não pôde definir. Atravez do nevoeiro viam-se vagamente as arvores da beira do rio como as avancadas de um grande exercito. A cerração não deixava apparecer o sol e a pouca claridade que havia era quasi semelhante á luz melancolica do crepusculo. Julguei-me arrebatado por momentos ás regiões do norte; o bater da agoa nas rodas do vapor fez-me sonhar que atravessava o Cattegat.

A medida que me aproximava da Foz, sentindo o murmuro surdo e irregular do Atlantico e a briza humida que me agoitava as faces, cuidei-me ás bordas do oceano do norte. Transformei as arvores que via no meio da nevoa em faias da Dinamarca e abetos da Noruega, e murmurei voltando-me para o Porto: «Drontheim!... A Scandinavia! Odin... Edda...» Para! gritou o mestre do vapor, e o meu sonho parou. A voz aspera e rude d'aquelle selvagem, que nem tinha, para o desculpar, a poesia do marinheiro no meio da magestade dos mares, rompeu brutalmente o meu encanto; e privou o leitor de uma *sagga*, que eu de certo faria, inspirado pelas recordações da Scandinavia! Cinco minutos depois achei-me nas praias de S. João da Foz.

CAPITULO X.

A Foz.—Os banhos do mar.—Pasmaccira.—O hotel da Boa Vista.—A caleche.—O meu cocheiro. Sterne e o cavallo de la Fleur.

Depois de verificar a existencia de um *Hotel*, cuja apparencia confortavel reanimou os meus espiritos, percorri a povoação que tem augmentado consideravelmente n'estes ultimos annos. Toda a prosperidade da Foz provem da immensa concorrência de gente que a frequenta no tempo dos banhos. A villa cresce todos os dias, estendendo-se pelo sul, ao longo do rio, para as bandas do Porto, e alargando para o norte. Muita gente da cidade ali reside no verão, e alguma em todas as estações. A Foz tem já muitos e bons predios, bastantes soffríveis, e não poucos estabelecimentos. Entre estes, varios cafés, e uma casa chamada da *Sociedade*, ou *Assemblea*, onde se acham todos os jornaes, se joga o bilhar, e se fazem magnificos bifés. Algumas hospedarias, sendo uma excellente, e o oceano á porta para se tomar banhos, eis toda a riqueza e todo o luxo da Foz. O seu castello não tem outra importancia senão como logar onde fazem os signaes para a entrada dos navios. Os passeios de manhã são por cima dos rochedos da praia; e de tarde na rua direita, em frente do rio, onde se morre assado pelos ultimos raios do sol, ou suffocado com as nuvens de pó que se levanta debaixo dos pés. Ha na Foz quem tenha muito bom gosto e muito dinheiro, quem grite contra a poeira, e contra o ardor do sol, mas ainda ninguem se lembrou de propor a construcção de um passeio publico, n'um sitio onde crescem as arvores tão facilmente, e n'uma terra proxima do Porto onde ha uma decidida paixão pelos arvoredos!

E aquelles *janotas* que vão á Foz todos os domingos, se não todos os dias, porque não fazem um theatro, por que não fundam uma sociedade civilisadora, n'aquellas praias onde podia haver espectáculo regularmente? Por que não tratam de lançar entre si uma contribuição para isso? Podem ter não só o theatro, mas ainda uma sala de baile, onde se dançe, se cante, se dêem concertos e *soirées* que animem a vida monotonica que ali se vive. Tem tantos meios de crear prazeres e morrem de semsaboria? Não se lembram da irremensura gratidão que lhes mostraria o bello sexo, e das recompensas que obteriam? Quantos sorrisos, quantos meigos olhares não perdem os desatendidos, por falta d'essas grandes reuniões? E quantos não perdem tambem a occasião de mostrar os talentos ás suas bellas, cantando, tocando ou representando? Emfim, é um meio civilisador que eu lhes lembro, certo de que tirarão grande partido da sua execução. E não se esqueçam do passeio publico, por que é vergonha não o ter n'aquella terra! Mallem sem piedade nos ouvidos da camara municipal: malhem constantemente, que se o ferro está frio ha de aquecer e moldar-se pela repetição das pancadas.

Corri a villa em todas as direcções, e acabado o meu exame dirigi-me á praia dos banhos.

Os banhos do mar não se tomam em Portugal como accio, é como remedio ou pretexto de *matar o tempo* nas estações calmosas.

Aos médicos, principalmente, se deve o haver já hoje tanto quem se lave. Verdadeiros apóstolos da civilisação e da sciencia os facultativos portuguezes intenderam que se não podia applicar geralmente o accio á hygiene senão como remedio: conheciam o profundo horror que a agua fria inspirava a certa

gente, e viam com magoa e nojo o grande numero de individuos que morriam como animaes immundos, e não hesitaram para salvá-los. De apóstolos que eram, tornaram-se martyres, sacrificando a sua reputação de peritos, para se fazerem caritativamente humanitarios. É grande e é nobre um tal procedimento! Ninguem creia, pois, que o cirurgião ou o medico recetta segundo a doença; é segundo o individuo. Se este for acciado, se costuma lavar-se regularmente, então o facultativo cura-o segundo a sciencia. Mas se pelo contrario o enfermo é d'esses entes que não fazem uzo da agua fria, é curado segundo a humanidade—com banhos do mar ou de tina. Grandes homens são os facultativos!

D'este principio nasceu essa grandiosa e complicadissima serie de padacimentos nervosos, inventados polo zelo evangelico dos filhos d'Esculapio. As doenças de nervos fizeram-se exclusivamente para que toda a gente se lavasse, ao menos durante alguns mezes em cada anno; se bem que, aproveitando sabiamente a sua existencia, alguns medicos chamam padecimento nervoso a toda a doença que não podem explicar. Isso, porem, nada significa attendendo a que a recetta é sempre a mesma—banhos do mar!—Abençoado remedio! e abençoados os que o inventaram! tudo se cura hoje com banhos do mar: desde o rheumatismo simples até á *baromyomatric-chirurgomyroscopiatromachia*, ou qualquer outro nome arrevesado da pharmacoepa grega!

(Continúa).

F. G. D'AMORIM.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

(Continuação)

Apesar da inquisição, o theatro progrediu e aperfeçoou-se em Hespanha, percorrendo toda a escala da composição dramatica desde o auto sacramental e o intermedio até ás mais sublimes concepções da tragedia nacional. Em Portugal ao contrario nem se pôde dizer que vivêo de inspiração alheia, porque na variedade dos nossos poetas e dos nossos escriptores, poucos se atreveram a dotar o theatro portuguez com obra que opulentasse e ennobrecesse os fastos do drama nacional.

O sceptro dramatico pertence primeiro que a outro povo ao engenho ardente e phantastico dos hespanhoes. Lope de Vega, a quem os seus contemporaneos distinguiram com o cognome de *divino*, quasi que escreveu mais do que todos os escriptores de todas as nações, que tiveram theatro contemporaneo. Mas o que é singular é que este honroso padroado litterario que a Hespanha exerceu tão largamente, não poude resistir ás leis providenciaes, que chamavam a França a empunhar entre os demais povos o sceptro da intelligencia, e que fizeram da sua capital o emporio das boas artes e o capitolio da litteratura.

Eram barbaras e rudes as lettras francezas quando na peninsula alvoreciam viçosas e opulentas as muzas. Passou um seculo, e a França recebia das camenas antigas que ella melhor do que ninguem apreciara e entendêra, a dictadura litteraria que desde Luiz XIV lhe pertence pelo direito da conquista intellectual.

Ha individuos e ha nações que a providencia destina á gloriosa missão de vivificar pelo sopro do seu genio os primeiros germens da civilisação e de cultura, que outros povos e outros individuos mais precoces lançaram á terra ainda mal arroteada. Nas grandes invenções do espirito humano a gloria dos pri-

meiros ensaios e das tentativas ainda tímidas é bem depressa affuscada pelo resplendor duradouro dos que generalizaram as idéas dos seus antecessores. A machina de vapor lembra logo á posteridade agradecida o nome de Watt, e na aureola que cerca a fronte d'este semi-deos da industria moderna escondem-se humildes e quasi ignorados os bustos de Papin e de Newcomen. É a genealogia das creações humanas ao revez das ascendencias nobiliarias. N'estas a gloria dos avoengos reflecte-se inteira sobre o orgulho descendente; nas outras a humanidade quasi que attribue toda a nobreza e toda a gloria ao ultimo progenitor, esquecendo os que durante muitas gerações constituíram laboriosamente a genealogia de uma idéa ou d'um invento.

A França recebeu de extranhos a primeira noção das artes litterarias. O drama brotou-lhe de sementes alheias. Foram italianos os primeiros incitamentos. Na Hespanha e no seu já então opulento e variadissimo theatro, andaram os primeiros engenhos dramaticos francezes segregando, d'entre muita ruim e desgraçosa planta, as flores com que adornam á nascença o theatro dos Corneille e dos Racine.

O seculo de Luiz XIV deu á França o summo sacerdocio das lettras. A Athenas moderna foi Pariz. Os seus engenhos litterarios foram os proconsules, enviados em espirito a governar, com a irrezistivel e suave autoridade do poder intellectual, as nações que mais se presavam de policiadas e de elegantes em litteratura e em costumes. A penna ponde n'aquelle seculo de glorias mais do que não chegára nunca a acabar o bastão dos marechaes de França e a bisarria dos seus exercitos. A monarchia universal que Luiz o Magno devaneava tantas vezes nas suas conquistas ambiciozas, foi se pouco e pouco realisando nas lettras. O seculo XVIII com a sua prodigiosa actividade, com a turba dos seus escriptores de todos os generos e de todas as materias, eruditos e philosophos, geometras e romancistas, historiadores e dramaturgos, criticos e naturalistas, acabou de vergar a Europa culta ao genio francez, muito antes que as aguias de Napoleão levassem os decretos imperiaes desde as margens do Tejo até Berlin e ate Moscow.

O theatro em todas as nações que o tinham seu e proprio, foi esquecido quasi como um opprobrio nacional, quasi como um testemunho da antiga rudeza litteraria, por todos os que se presavam de entendidos em coizas de arte e de gosto cortesão.

A Hespanha malbaraçou os seus thesouros dramaticos para acolher com enthusiasmo a mais fria e desinspirada imitação da musa tragica franceza. A mina inexaurivel das boas tradições nacionaes ficou desamparada de cultores á espera, de que a reacção anti-franceza viesse reacceder a devoção pelas idéas e pelas coizas peninsulares.

A Inglaterra culta desdenhou tambem a scena patria, que Shakespeare enriquecera. O escriptor mais verdadeiramente tragico de todos quantos inspirou jámais o genio, tractaram-n'o de barbaro e de rude, e affectaram de lhe amaciar as asperesas da fôrma e as irregularidades da contextura, affeiçoando-lhe os membros, fadados para viver com toda a liberdade e independencia britannica, no cothurno estreito das fôrmas classicas. Ducis aprimorou a tragedia de Shakespeare, condimentando-a ao sabor dos paladares francezes, estragados pela sonora e formosa monotonia do verso raciniano. A musa ingleza, destocada e singella no trajar, como a virgem dos Highlands, teve de pedir aos tragicos de panhos de renda e de vestias de brocado, que lhe alterassem as madeixas á

Pompadour, que lhe arrebricassem a tez com todos os recursos da mais cortesã *toilette* litteraria, e lhe calçassem o *talon rouge*, para assim, garrida e perfumada, apparecer sem escandalo e sem profanação diante dos pudicos e aristocraticos auditorios de Pariz e de Versailles.

Se a musa de Racine e de Corneille se assenhoreou sem rezistencia do logar que pertencia ao drama nacional nos paizes onde existia, a conquista foi facilissima em Portugal, onde a scena não chegara a ter nunca feições proprias e populares.

Ninguem esboçou em mais rapidos e mais felizes traços o nascimento e os progressos do theatro portuguez do que o visconde de Almeida Garret no prefacio da terceira edição authenticã do seu «Catão».

«A dramatica, diz elle, é uma litteratura nova para nós, ou perdida, que tanto vale. Mas realmente é nova; pois que os primeiros cultores apenas semearam, por uns claros da devesa em terra crua, quatro ou cinco sementes que vegetaram á sombra, mal fornidas de corpo e seiva. Poucos as viram vivas. Quando morreram, ninguem n'o soube; ficou a memoria vaga de uma pouca de semente que se perdéra e nada mais. Mas esta mesma saudade atormentou a nação e os seus poetas; e para a enganar, illudiam-se, indo buscar estacas de arvores estranhas, criadas n'outras terras, affeitas a outro tracto, e metteram-n'as na nossa terra. A terra é boa, dá tudo; a estaca parecia pegar; mas não: esta é planta que só nascediça produz bem; vinham quatro flores desbotadas, duas fructas outonicas e seccavam. E n'esta parabola está a historia do nosso theatro. Não era mingoa de talento nos poetas, era o mau methodo, o principio errado com que trabalhavam.»

Eis ahi está n'uma concisa e delicada allegoria, tão rica de atticismo e de elegante dicção como as sabia fallar e escrever o nosso poeta, a chronica verdadeira da scena portugueza. O nosso theatro annunciase logo por uma soberba frontaria no estylo matucelino. Na portada, rica de arabescos e laçarias esculpe o cinzel dramatico, ainda rude e inexperto, mas com a sua viçosa phantasia e candura primitiva, o selo de uma arte original. Transpõe-se o limiar e dentro ainda aqui e acolá se notam vestigios de buril, que portendêra imitar as graças nativas do primeiro. Depois observam-se nas paredes nuas e desornadas do edificio, pedras e labores, trazidos de ruínas, e esculpturas desgraçosamente apalpadadas por modelos estrangeiros.

O renascimento da poesia nacional no ultimo quartel do seculo XVIII deixou sem solução o problema do theatro. A Arcadia subia bastante nas azas da elevação lyrica para lhe sobrar tempo para a reformação da scena decaida. Aquelle periodo brilhante que nos deixou por herança os cantos do Diniz, do Garchão e do Quita, que accrescentou o patrimonio litterario com um dos mais bellos modelos da epopeia comica, e que nos deu no Tolentino o primeiro e porventura o ultimo e inimitavel exemplar da satyra moderna, não contemplou no seu testamento o theatro, que continuou a viver de algumas versões felizes, de frouxas imitações e de languidas e descoradas produções de Melpómene acanhada posto que original.

A Arcadia succedeu não uma litteratura, mas dois homens que á maneira dos triumviros romanos, dividiram entre si o imperio litterario, e que bem depressa, desenrollando bandeiras oppostas e hostis, repartiram em dois bandos os espiritos litterarios, e acenderam os odios civis na quasi sempre agitada e anarchica republica das lettras.

Mas Bocage e Philinto, que representavam cada um os dois aspectos da litteratura, o estro e a erudição, Bocage e Philinto que forem por si sós a continuação da Arcadia, revolucionada já pelas idéas do seculo em que viviam, e que em tantas provincias litterarias deixaram valiozos monumentos, passaram sem vivificar ao menos o theatro nacional, que continuou com elles e depois d'elles a mesma vida valetudinaria e artificial.

Francisco Manuel era mais erudito que poeta. Falta-lhe aquella mais preciosa e mais rara porção da phantazia, aquella que inspira o pensamento fundamental das mais sublimes concepções e que delinea na mente o esboço dos mais grandiozos quadros litterarios. O seu talento era antes de ornatista que de pintor. Dessem-lhe um poema já concebido, e já moldado; ao trasladal-o para a lingua vernacula, o pincel aprimorava-lhe os toques, corrigia-lhe o desenho nos *detalhes*, inventava novos arabescos e nova e caprichosa ornamentação com que dar relevo e galhardia e como que certo verniz, de originalidade ao que outros, menos felizes por ventura nas bellezas minuciozas, haviam concebido e deenhado em traços menos rasgados e em colorido menos brilhante e gracioso.

Dissem-lhe que inventasse um poemeto, e o poeta torturando a musa rebelde e pertinaz, apenas conseguirá que o Pegazo tardio e somnolento, erguesse o vôo rasteiro sobre o estádio da prosa commum e trivial. Mas que lhe chegue ás mãos o gracioso poema romantico de Wieland, desfigurado na versão mediocre de um traductor vulgar, com as feições alteradas, como de rosto formoso, que se reflecte em espelho desegual e recurvo; e o poeta, brincando com a sua musa facil e engenhosa em expedientes de dicção e em recursos de estylo, creará quasi na paraphrase, o segundo poema de Oberon, parecido sim ao poema teutonico, como seu filho que era, mas embellecidos os traços da physionomia, como de raça mais fidalga e mais pura, mas polida a asperidade germanica com o donaire senhoril da poesia meridional, mas enriquecido em cambiantes de sentimento e de expressão, mas substituida ao ouro fôco da severa lingoagem alleman a refulgente douradura de um idioma mais propicio á ternura dos affectos e ao colorido ameno e gracioso dos paineis eroticos.

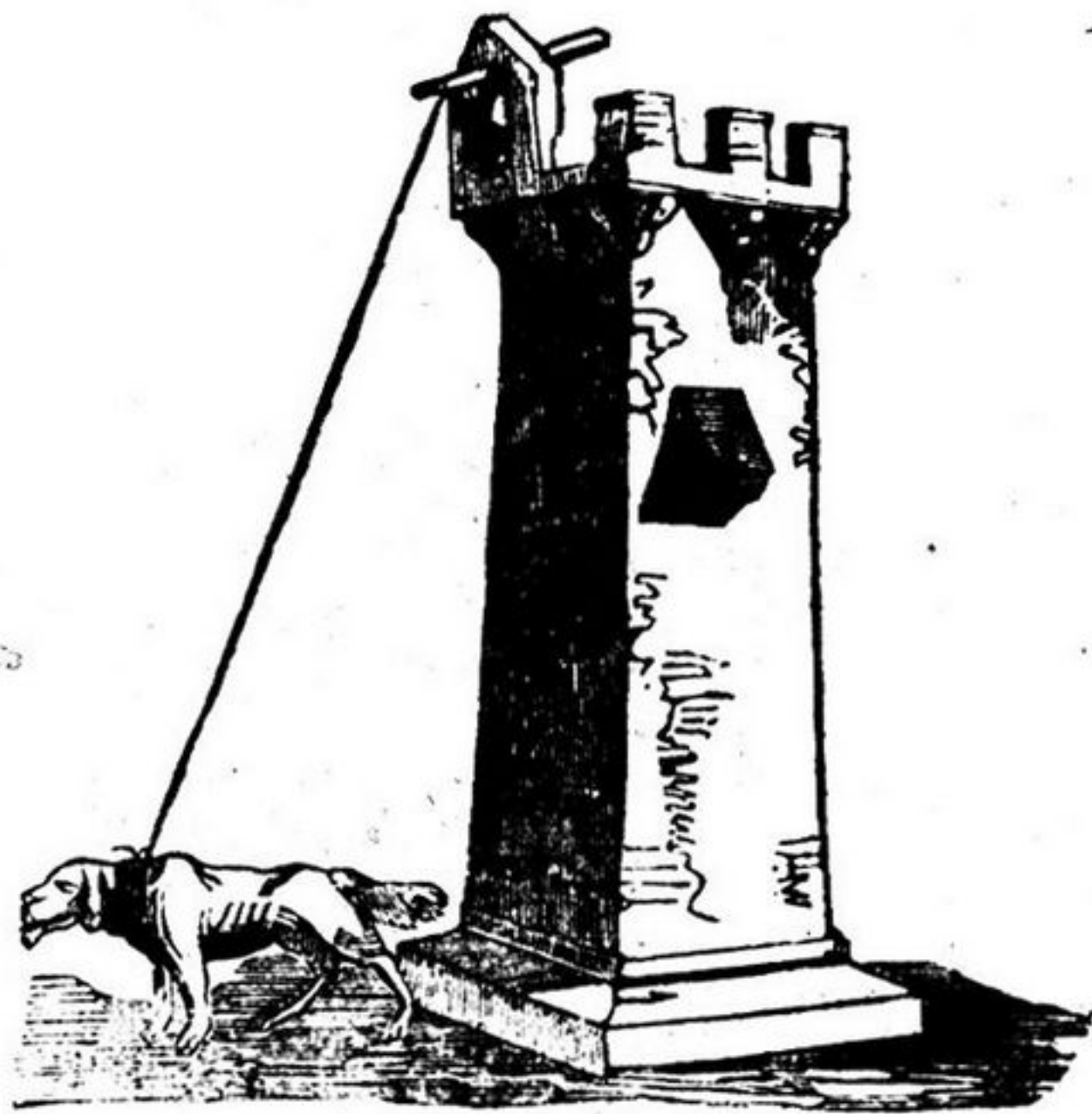
(Continúa).

J. M. LATINO COELHO.

O CÃO GUARDA DA PRAÇA.

Conserva-se na bibliotheca imperial de Paris um manuscrito in folio, escripto em latim sobre a arte militar e as maquinas bellicas, e que data de 1330 a 1340, epocha em que começava a usar-se a polvora bombardeira: é um codice curioso, ornado de miniaturas, que por muitos tempo esteve esquecido no serralho de Constantinopola, e foi mandado para França em 1688 por M. de Girardin, embaixador junto á Porta Ottomana.

Entre os stratagemas de guerra que o auctor descreve ha alguns mui extravagantes; por exemplo o que se figura na estampa acima. Estando dous guardas n'uma torre, morto um, o outro apertado da fome, porque o caudilho não poude ou se esqueceu de lhe mandar provimento, teve de largar o seu posto; amarrou um cão igualmente esfaimado a uma corda, que por uma ponta prendia no sino da torre; poz-lhe diante algum pão e agua, mas a distancia que o



animal não lhe podia chegar. Os esforços que faz o cão para abocar o alimento fazem tocar o sino, indício de que ha gente na atalaia; o guarda aproveita esta occasião para sahir em busca de mantimento deixando o indício de que o posto fica occupado.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1\$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1\$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.ºs 227 e 228, na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8, e na do sr. C. J. Brabão.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. Olympio N. R. F.; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rão do Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Ceará, o sr. José de Oliveira; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães.